



## **Do Quadrinho Político ao Filosófico: a Trajetória do Cartunista Laerte<sup>1</sup>**

Roberto Elísio dos SANTOS<sup>2</sup>  
Flavio PADOVANI<sup>3</sup>  
Osvaldo da COSTA<sup>4</sup>

Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), São Paulo, SP

### **Resumo**

Um dos principais artistas brasileiros, Laerte Coutinho tem produzido continuamente cartuns e histórias em quadrinhos desde o início dos anos 1970. O trabalho do cartunista pode ser encontrado nas páginas de jornais alternativos e da grande imprensa, em revistas, publicações sindicais e sites. Este texto apresenta e analisa seu trabalho ao longo das últimas quatro décadas, evidenciando as temáticas de sua obra, que abarcam conteúdos políticos, de sátira social e de reflexão filosófica e comportamental.

### **Palavras-chave**

História em quadrinhos; cartum; humor gráfico; Laerte Coutinho

### **1. Introdução**

Este texto pretende mostrar e analisar a trajetória artística do cartunista e quadrinhista brasileiro Laerte Coutinho, desde a década de 1970 até os dias atuais, pondo em relevo conteúdos políticos e de reflexão filosófica. A pesquisa é resultado das atividades desenvolvidas no âmbito do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e do Grupo de Pesquisa Gêneros Ficcionalis e Cultura Midiática. Para a realização deste trabalho foram realizados levantamentos documentais e coleta de depoimentos e empregadas análises de conteúdo e de conjuntura e foram utilizados equipamentos adquiridos por bolsa de fomento do CNPq (edital 03/2008).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial (DT 6), X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). E-mail: roberto.elisio@uscs.edu.br

<sup>3</sup> Mestrando em Comunicação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). E-mail: fhpadovani@gmail.com

<sup>4</sup> Mestrando em Comunicação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). E-mail: o.dacosta@uol.com.br

## 2. Década de 1970: alternatividade e política

Apesar de ter entrado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo em 1969, Laerte Coutinho não chegou a se formar; mas foi no ambiente universitário que ingressou na área editorial de quadrinhos. Durante um evento promovido pelo curso de Jornalismo, que abordava a história em quadrinhos (e contou com a presença de Zélio, Álvaro de Moya, Naumin Aizen, entre outros profissionais), o artista e Luiz Gê (na época, estudante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) decidiram criar uma publicação para expor seus trabalhos. Segundo Laerte<sup>5</sup>:

Nossa preocupação era mais um mercado de trabalho do que derrubar a ditadura ou subverter a ordem ou consumir drogas. Enfim, nosso negócio era mercado mesmo. A gente via que não existiam revistas, não existia espaço nos jornais e nas revistas, não existia nada.

Surgia, assim, a revista *Balão* (na verdade, um fanzine), cujo primeiro número foi lançado em novembro de 1972, e apresentava, entre outras, a história de humor *Traquinadas do Amadeu (e seu frango, José Dolores)*, desenhada por Laerte.



Figura 1 – Capa do primeiro número da revista *Balão*, com arte de Luiz Gê

Na mesma época, Laerte publicou trabalhos em publicações sindicais. A esse respeito, Cirne afirma:

Os autores que impulsionaram – e ainda impulsionam – esses quadrinhos [produzidos para sindicatos e partidos políticos] são aqueles comprometidos com a praticam social de uma forma mais aberta e direta: é o caso de um Laerte Coutinho, de um Nilson Azevedo, de um LOR, entre outros (como foi o caso de Henfil). É verdade: não se trata de um “quadrinho proletário”, mas de um quadrinho a serviço de causas proletárias. (...)

<sup>5</sup> Depoimento concedido ao Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP em 13 de fevereiro de 2004, como parte do projeto Memória Viva do Quadrinho Brasileiro.

Em São Paulo, data de 1973 a primeira contribuição para um quadrinho mais atuante, quando Laerte Coutinho desenhou um folheto para o Sindicato dos Têxteis, sob a égide da Oboré Editorial. Registra-se, aliás, que a Oboré assumirá na capital bandeirante as iniciativas sindicais de maior consistência política. Em outubro de 1978, Laerte e Henfil quadrinizavam todas as resoluções do 3º Congresso dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, já inseridas dentro das lutas grevistas desencadeadas no ABC paulista. A verdade é que a estamos diante de um fato novo: a imprensa sindical começou a atrair desenhistas preocupados com a problemática operária. (CIRNE, 1990, p. 76-77)

Máquinas engolindo seres humanos, bocas de ferro soltando labaredas, patrões estalando correntes e abrindo alçapões, o demônio surgindo nas chamas e perguntando a um grupo de trabalhadores o que eles querem negociar, qual a reivindicação dessa nova jornada. São personagens de pátios, de fábricas e assembléias sindicais, caricaturados com traços de italianos, espanhóis, portugueses e migrantes de todos os cantos e lugares do Brasil, que passeiam em nossas vistas em carne e osso, com humor e leveza. Sobre essa produção, Laerte sustenta que “fazia publicidade das condições em que viviam os trabalhadores dentro das fábricas, o discurso proletário ficava a cargo do sindicato. Eu não tinha compromisso com política sindical, era só trabalho”.<sup>6</sup>



Figura 2 – Desenho de Laerte feito para jornais sindicais

A primeira olhada na produção de cartuns sindicais, os personagens caricaturados com perfil de trabalhadores metalúrgicos, caminham com desenvoltura nas paisagens de fábricas e assembléias sindicais, como se estivessem no convés de uma nau capitaneada por corsários navegando no Rio Tietê, só muda o visual do macacão de operário às vestes despojadas dos deserdados.

<sup>6</sup> Depoimento concedido a Memória das Artes Gráficas, Biblioteca de São Paulo, 15 de maio de 2010.

Retirando o discurso sindical dos personagens, das tiras e HQs, boletins sindicais, e substituindo por temas de comportamentos e discursos filosóficos, o traço e a graça dos desenhos do Laerte não perde a humanidade que pode ser vista nas revistas e tiras feitas para o mercado editorial, sem compromisso com as classes laborais.

Em 1986, a Oboré lançou o catálogo Ilustração Sindical do Laerte, com ilustrações de sua produção voltada para os trabalhadores realizadas entre 1972 e 1985, e que foi colocada sob domínio público pelo artista e pela editora. A obra foi recebida com muita crítica pelos desenhistas que alegavam não sobrar espaço para trabalhar, pois, por meio do catálogo, os desenhos podiam ser xerocados, recortados e usados em jornais e boletins sindicais.

De conteúdo político também eram os cartuns que Laerte concebeu para vários títulos da chamada “imprensa nanica”, como o jornal *Ovelha Negra*, editado por Geandré em 1975 e 1976. No especto da imprensa nanica, esse periódico tinha em sua essência o papel e a prioridade de ser um jornal de cartuns, apartidário, não levantava bandeira de partidos políticos ou discursos das esquerdas. Nesta publicação, os desenhos de Laerte narravam problemas contemporâneos.



Figura 3 – Cartum de Laerte publicado na edição nº 4 do jornal *Ovelha Negra* sobre o tema “O sol nasceu para todos”

A esse respeito, Geandré<sup>7</sup>, comenta:

Seu humor no *Ovelha Negra* foi um divisor de águas entre como era o humor paulista e o humor carioca. Não era um polemista, mas um analítico, sempre gostava de debater as ideias até com um certo teor acadêmico, ou seja, sua cultura não é feita de recortes ou mosaico. Tinha uma boa formação e, ao meu ver, sempre esteve preocupado

<sup>7</sup> Depoimento concedido a Memória das Artes Gráficas, Biblioteca de São Paulo, 15 de maio de 2010.



com a liberdade de expressão e militava por ela quando convocado ou por livre espontânea vontade. E é esse o “traço” que ficou mais marcante para mim da participação de Laerte no *Ovelha Negra*, agregado a um profissionalismo irretocável e ético.

Sua passagem pelo *Ovelha Negra*, de 1975 a 1976, onde publicou seus cartuns comportamentais e atemporais, pois tinha liberdade de expressão no jornal, fazia da metáfora política sua indignação. Não foi um teórico de esquerda ou revolucionário nos anos de chumbo. Fazer desenhos de humor era mais combativo do que as trincheiras e barricadas que as esquerdas pregavam. Ainda de acordo com Geandré:

Apesar dos seus cartuns tocarem em temas de contundência política, ele só fazia se tivesse graça. Laerte era mais cartunista do que quadrinhista, apesar de dominar muito bem as duas linguagens. Vejo pouca diferença no desenho dele desde a *Ovelha Negra* até os dias atuais na *Folha*. Houve uma leve sintetizada na forma, provavelmente para os personagens se acomodarem melhor na linguagem das tiras. No cartum ele se espalhava mais. Acredito que depois do *Ovelha Negra*, Laerte seguiu mais para os quadrinhos, onde sua gag metafísica e comportamental até hoje é uma marca registrada.

Não existiam fronteiras entre a imprensa sindical e a imprensa nanica. No caso do jornal *Ovelha Negra*, os cartuns do Laerte deixaram sua graça e humor para a restituição dos direitos a democracia e a liberdade de expressão.

### **3. Década de 1980: Circo Editorial**

Com a abertura política, no começo dos anos 1980, a sátira política deu lugar à crítica de social e de costumes. Vários artistas passaram a abordar temas do cotidiano e modismos da classe média ou abastada das metrópoles. Entre esses artistas destacam-se Angeli, Glauco e Laerte, cujos personagens foram publicados em tiras diárias nos jornais, principalmente na *Folha de S. Paulo*, e também nas revistas da Circo Editorial.

O idealizador da Circo Editorial foi Antonio de Souza Mendes Neto, mais conhecido como Toninho Mendes. Sua trajetória pessoal está intimamente ligada ao conteúdo veiculado pelas publicações da editora, principalmente por ter participado da imprensa independente, como os jornais *Ex*, *Movimento* e *Versus*. Na época em que fazia o jornal *Versus*, participou da edição de duas publicações de quadrinhos: o *Versus quadrinhos* e o *Livrão de quadrinhos*, concebidos por Marcos Faerman. Foi nesse



momento que Toninho Mendes<sup>8</sup> estreitou sua relação com Luiz Gê e Angeli e começou a amadurecer a idéia de fundar uma editora.

A data escolhida para a criação da Circo Editorial foi 26 de abril de 1984, dia em que o Congresso rejeitou a Emenda Dante de Oliveira, que estabelecia a eleição direta para presidente da República para o sucessor do general João Batista Figueiredo. A primeira publicação foi um álbum no formato horizontal que reunia as tiras criadas por Angeli e editadas no jornal *Folha de S. Paulo*, primeiro numero da *Série Traço e Riso*.

Embora a eleição direta para presidente não tenha sido aprovada, o ciclo de governos militares, que completara duas décadas, encontrava-se em seus estertores. Os rigores da censura haviam diminuído e a sociedade brasileira começava uma nova fase, marcada por instabilidades políticas e econômicas, mas com o regime democrático restaurado. Só nessas condições uma editora como a Circo seria concebível. O nascimento da Circo está diretamente relacionado ao movimento de abertura política.

Os reflexos da situação política influenciaram a forma como os artistas passaram a utilizar o humor nas histórias em quadrinhos, que passaram a falar da sociedade e não dos gabinetes. Entre os principais quadrinhistas que publicaram seus trabalhos nas revistas editadas pela Circo Editorial destacam-se Angeli, Laerte, Luiz Gê, Glauco, Adão Iturrusgarai e Fernando Gonsales. As revistas *Circo* e *Chiclete com Banana* apresentavam histórias em quadrinhos realizadas por autores nacionais e estrangeiros e tiras de quadrinhos editadas em jornais.

Seguindo o mesmo projeto, a revista *Piratas do Tietê*, que contava com histórias e tiras elaboradas por Laerte e também com a colaboração de outros artistas, além da publicação de autores estrangeiros, como Harvey Pekar e Robert Crumb. Publicados pela primeira vez na revista *Chiclete com Banana* número 4, de maio de 1986, os *Piratas do Tietê* ganharam uma edição especial da revista *Circo* em agosto de 1988. Lançada em maio de 1990, a revista *Piratas do Tietê* teve 14 números publicados até abril de 1992. Os primeiros seis números foram impressos em formato menor e na horizontal, o que impedia sua exposição nas bancas de jornal. A partir da edição 7, de dezembro de 1990, passou a seguir o formato da *Chiclete com Banana* e da *Circo*. Outra publicação de Laerte criada pela Circo Editorial foi a revista *Striptiras* (uma referência ao termo que designa a tira de quadrinhos publicada nos Estados Unidos, *comic-strips*), que durou 15 números, de março de 1993 a dezembro de 1994, e reunia diversos

---

<sup>8</sup> Depoimento concedido ao Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP em 28 de maio de 2004, como parte do projeto Memória Viva do Quadrinho Brasileiro.

personagens de Laerte, como o *Zelador*, o *Síndico*, *Gato e Gata*, *Fagundes o Puxa-saco*, o *Grafiteiro*, além dos *Piratas do Tietê*.



Figura 4 – Capa da revista *Piratas do Tietê*

As principais influências no dos artistas das revistas editadas pela Circo foram o *comix underground* norte-americano, especialmente os quadrinhos de Robert Crumb e Gilbert Shelton na década de 1960, o quadrinho autoral europeu e o humor satírico e político do cartunista Henfil. O quadrinhista Laerte (2003) ressalta a importância dos autores americanos e da revista *Zap Comix* em sua formação artística: “Tudo me fazia a cabeça, mas a piração do ‘underground’ era ‘especial’”. Já em relação ao desenhista e humorista brasileiro, Laerte comenta que:

(...) o trabalho dele é uma mistura superentrosada entre recado político e humor. O primeiro parâmetro do trabalho do Henfil é a oportunidade política, é o que está ali, sendo dito num determinado momento político. E o outro parâmetro é o humor, a graça, a audácia, a falta de decoro...<sup>9</sup>

Refletindo a situação política e social da década de 1980, os quadrinhos de humor das revistas da Circo Editorial investiram suas críticas no modo de vida pequeno-burguês dos centros urbanos. As piadas põem em relevo as contradições, as idiosincrasias, a vaidade e a prepotência da classe média urbana.

Ao contrário da teoria elaborada por Bérqson (1993), o humor da Circo Editorial não visa o controle do comportamento para adequá-lo às normas sociais, mas pretende denunciar como ridículas as atitudes consideradas aceitáveis por uma sociedade que cultua a aparência, a hipocrisia e o consumismo alienado. Já não há preocupação em manter os “limites do humor”, como pregavam Sócrates, Cícero e outros pensadores da Antiguidade Clássica: “A graça deve se manter dentro de determinados limites de

<sup>9</sup> Depoimento concedido ao Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP em 13 de fevereiro de 2004, como parte do projeto Memória Viva do Quadrinho Brasileiro.



respeitabilidade para ser socialmente aceitável” (GRAF, Fritz *apud* Bremmer e Roodenburg, 2000: 52-53). O ataque desferido pelos quadrinhos de humor da Circo Editorial aos valores e hábitos da classe média urbana não é sutil e emprega termos e imagens chulos, escatológicos, muitas vezes pornográficos e agressivos.

Nas tiras e histórias elaboradas por Laerte, Luiz Gê e Glauco, o espaço urbano também se faz presente e de forma contundente. Da admiração por um dos bairros de São Paulo, a boêmia Vila Madalena, surgiu, da imaginação de Laerte, uma história em quadrinhos em forma de homenagem. Publicada em março de 1992 na revista *Piratas do Tietê* n. 13, a história *Vila Madalena – Rock ma non troppo* reúne personagens pitorescos em um ambiente que se revela a inspiração para todos, as ruas da vila.

As histórias absurdas dos Piratas do Tietê também se desenrolam no espaço urbano. Já em sua primeira narrativa, intitulada *Piratas do Tietê*, publicada em maio de 1986 na revista *Chiclete com Banana* n. 4, o barco com os anárquicos piratas navega pelo Rio Tietê, tendo ao fundo os carros que trafegam pela marginal e o parque de diversões Playcenter, já incorporado à paisagem urbana de São Paulo. De acordo com Nicoulau (2007, p. 44), “essas tirinhas tratam das aventuras de um grupo de piratas saqueadores que, sob o comando do seu Capitão, navegam pelo rio paulistano em busca de vítimas para assaltar ou torturar”.



Figura 5 – Vinheta com o Capitão dos Piratas do Tietê

Outros símbolos e tipos da modernidade urbana podem ser encontrados nas histórias e tiras de Laerte nas revistas *Piratas do Tietê* e *Striptiras*. Na série dedicada ao *Condomínio* (espaço típico dos centros urbanos), o edifício se transforma em um microcosmo do Brasil, onde se encontram personagens que sintetizam o país: o *Zelador* preguiçoso e submisso ao autoritário *Síndico*, o severo e conservador *Capitão Douglas* (militar aposentado, mas sempre alerta – uma alusão à ditadura militar que havia terminado há pouco), o mafioso *Don Luigi* e sua filha pervertida *Rosa*, o puxa-saco



*Fagundes*, entre outros. As neuroses e paranóias dos tipos que habitam o prédio são um indício das relações conturbadas resultantes de uma sociedade subdesenvolvida que sofreu um processo de urbanização acelerado e desordenado, e na qual ainda imperam posturas marcadas pelo atraso e pelo totalitarismo.



Figura 6 – Tira do Condomínio: humor urbano e crítica ao autoritarismo

#### 4. Década de 1990 e século XXI: humor e filosofia

Com o fim da Circo Editorial, motivado pela crise inflacionária que assolou o país no final dos anos 1980 e começo da década de 1990, Laerte concentrou sua produção nas tiras realizadas para o jornal *Folha de S. Paulo* (editadas nos cadernos *Ilustrada* e *Folhinha*) e em álbuns que compilam seus trabalhos.

Laerte nunca teve a intenção ou gostou de trabalhar com personagens fixos. Criou-os para se adaptar à natureza da periodicidade das tiras de jornais. Em entrevista para o jornal *Folha de S. Paulo*<sup>10</sup>, o autor diz que se obrigou a imaginar estes modelos a partir dos quais podia desenvolver trabalhos diários e cumprir os prazos em detrimento ao gosto pessoal de trabalhar com situações.

A década de 1990 foi bastante proveitosa para este fim. Los 3 Amigos, Overman e Deus são alguns exemplos de personagens que acabaram se destacando e traduzindo os conturbados problemas sociais que o período permitiu. Apesar de ter estreado antes, Los 3 Amigos se destacou bastante nos anos 1990. Reunindo os cartunistas Laerte, Angeli, Glauco e depois Adão, Los 3 Amigos possui diversas referências. A mais óbvia é o filme *Os 3 Amigos*, no qual os atores Chevy Chase, Steve Martin e Martin Short interpretam três atores decadentes que se colocam em diversas confusões em uma pequena cidade do México. Laerton, Angel Villa e Glauquito substituem os atores e a situação nos quadrinhos.

<sup>10</sup> Entrevista disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u323683.shtml>.

Apesar das semelhanças, a obra se aproxima mais de outro trabalho autoral de quadrinhos, *Freak Brothers*, de Gilbert Shelton – ícone da contracultura *underground* produzida nos EUA em 1969 – uma vez que conta com o humor ácido, alusão às drogas. O que as diferencia é a abordagem dos personagens, enquanto vemos a amoralidade e em alguns momentos um pouco de ingenuidade em *Freak Brothers*, *Los 3 Amigos* mostra personagens amorais e corrosivos.



Figura 7 – *Freak Brothers*, de Gilbert Shelton e *Los 3 Amigos*

*Overman* foi mais um dos personagens de destaque de Laerte. Satirizando o gênero de super-heróis, muito difundido nos Estados Unidos, *Overman* tem um visual que lembra bastante o personagem *Space Ghost* desenho da Hanna-Barbera que chegou a aparecer e enfrentar o herói em algumas tiras. *Overman* tem super poderes, mas entre eles não está a perspicácia. Com alguns dilemas morais e vícios, problemas de aluguel além do grande ego, o personagem acabou virando animação exibida em vinhetas pelo *Cartoon Network*.



Figura 8 – Tira de *Overman*: sátira às convenções dos quadrinhos de heróis

Outro destaque do cartunista é o personagem Deus. Sem a onisciência que se espera de uma entidade deste porte, a tirinha foi desenvolvida para preencher os espaços de domingo, publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*. Sobre esta criação, observou<sup>11</sup>:

Eu gostava das tirinhas de Deus, mas elas eram atéias. Não fiz as tiras para discutir religião, acho um tema empolgante, mas gosto de tratá-lo fora da fé. Gosto da mitologia que as religiões propõem, acho um modo muito criativo de ver a vida, não quero discutir se aquilo é mentira ou verdade, se estão enganando o povo ou não.

Para o artista, o Deus que descreve é uma divindade simpática e humana, aberto às surpresas da vida. O autor ainda comenta que, “de certa forma, quando eu faço o personagem Deus, estou me colocando ali”<sup>12</sup>. Com isso, concilia bom humor, críticas alternadas com tiras de fundo moral e tom mais leve, ainda que não haja um objetivo específico.



Figura 9 – História do personagem Deus: metafísica em quadrinhos

O sucesso destes e de outros tantos personagens como Hugo Baracchini, modelo do homem contemporâneo que enfrenta problemas atuais, e até alguns voltados para o público infantil, caso de Suriá, menina de circo que é publicada no suplemento infantil do jornal *Folha de S. Paulo*, que possibilitou ao autor mudar o foco e trabalhar mais com situações em tiras mais conceituais, que continua a criar até o momento.

<sup>11</sup> Entrevista disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u323683.shtml>.

<sup>12</sup> Entrevista disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u323683.shtml>.



Figura 10 – História protagonizada por Suriá feita para crianças

A mudança foi gradual e teve como estopim o falecimento de um filho de Laerte, fato que o próprio artista explica:

A morte do meu filho também foi um divisor. Eu passei a ver e pensar as coisas de outro jeito. Uma série de procedimentos começou a perder o sentido ou ganhar outros. Muito do que consistia a natureza das minhas tiras era um tipo de prestação de contas, era como se eu as estivesse fazendo para algum juiz, era um modo extenuante de trabalhar. Passei também a não achar mais graça no tipo de humor que eu fazia. Não me identificava mais com aquele modo de fazer. Então, resolvi deixar de lado os personagens.<sup>13</sup>

Laerte, no entanto, reconhece que o processo se iniciou um pouco antes disso, apenas se intensificando em meio ao drama vivido:

Na verdade, um pouco antes do acidente com meu filho, eu já estava mudando de rumo, já estava apontando isso, o cansaço com os personagens, com o humor, o esgotamento de uma linguagem. Eu não queria parar de fazer [as tiras]. Acho que dá para ter uma proposta, mas é um parto.<sup>14</sup>

O autor encontrou dificuldades no novo caminho em função da aceitação do público que esperava encontrar a mesma fórmula repetida e mastigada semelhante a outros produtos da indústria cultural. A ausência do humor constante e a crença de que nem sempre as tiras precisam da comicidade para funcionar acabou levando o artista a ser cortado de alguns jornais. Laerte comenta a recepção de alguns leitores:

Teve desde a perplexidade positiva, uma curiosidade com vontade de ver mais, até gente que achou que não era mais a praia deles, além de leitores que se revoltaram

<sup>13</sup> Entrevista disponível em <http://mais.uol.com.br/view/1xu2xa5tnz3h/perfil--laerte-fala-sobre-naopersonagens-e-novo-livro-0402983766DCB97326?types=A&>.

<sup>14</sup> Idem.



contra algumas tiras específicas. Os criadores de poodle, por exemplo, se revoltaram [em uma das tiras, Laerte fazia a cabeça do cão de bola de golfe].<sup>15</sup>



Figura 11 – Tira conceitual de Laerte

### Considerações finais

Conforme Magalhães (2006, p. 66), “considerado um atleta do traço, Laerte é a prova de resistência dos quadrinhos nacionais, onde um trabalho intensivo não prescinde a qualidade gráfica e humorística”. Nesse sentido, os cartuns e as histórias em quadrinhos sempre se pautaram pela preocupação de despertar no leitor um pensamento crítico, uma reflexão sobre a sociedade e o mundo que o cerca. A partir da pesquisa realizada, pode-se perceber a relação estabelecida entre o cartunista, seu tempo e sua sociedade. Seu trabalho leva o leitor a ponderar sobre temas de relevância dos pontos de vista individual ou coletivo.

### Referências bibliográficas

- BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. 2. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.
- BREMMER, Jan, ROODENBURG, Herman. **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CIRNE, Moacy. **História e crítica dos quadrinhos brasileiros**. Rio de Janeiro: Europa/Funarte, 1990.
- LAERTE. Revista foi meu Woodstock particular. **Folha de S. Paulo**, p. E1, 17 out. 2003.
- MAGALHÃES, Henrique. **Humor em pílulas**: a força criativa das tiras brasileiras. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.
- NICOLAU, Marcos. **Tirinha**: a síntese criativa de um gênero jornalístico. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2007.

<sup>15</sup> Entrevista disponível em <http://mais.uol.com.br/view/1xu2xa5tnz3h/perfil--laerte-fala-sobre-naopersonagens-e-novo-livro-0402983766DCB97326?types=A&>.